

Vale-Jupits

Este livro vale 2 jupits

Para ativar as jupits do seu livro scanize com o seu telefone o código em baixo ou siga as instruções manuais. Faça o scanner do código através de uma das aplicações da Jupiter Editions. Não é necessário instalar obrigatoriamente nenhuma aplicação, podendo converter as jupits em alternativa no site da Jupiter Editions através da Conta Jupiter ou enviar um email, seguindo as instruções.



O seu livro é um passaporte.

O seu passaporte vale em toda a sociedade Jupiter e perante os parceiros da sociedade Jupiter

Política de Privacidade

Quando comprou o livro, o leitor teve de consentir que a Jupiter Editions armazenasse os dados pessoais como o email e telefone para efeitos de comunicação e gestão da Conta Jupiter e emissão do Cartão Jupiter com os dados do leitor. A Jupiter Editions protege os seus dados. A qualquer momento poderá enviar um email para manager@jupitereditions.com com o código-assunto “DATA” exercendo o seu Direito ao Esquecimento, solicitando o apagamento dos seus dados no nosso sistema informático ou solicitando a portabilidade dos seus dados conforme a nossa Política de Privacidade que pode ser consultada online em www.jupitereditions.com

PROMOTORES

Compre um livro. Se gostar e quiser promovê-lo, nós devolvemos o seu dinheiro.

Seja um agente da Jupiter Editions. Celebre conosco um contrato de promoção ou agência. Entre em [contacto](#)

Se impulsionar 3 vendas a Jupiter Editions devolve imediatamente o seu dinheiro mesmo que não tenha celebrado um contrato de promoção ou de agência. Para tal, deverá pedir aos seus amigos/ familiares/ colegas/ conhecidos/ clientes que escrevam o seu nome no momento da compra e entrar em contacto através do email jupitereditions@jupitereditions.com com o assunto “PROMO3” para devolvermos o seu dinheiro.

Para celebrar connosco um contrato promocional ou de agência entre em contacto através do email manager@jupitereditions.com

* Esta página pode ser sua *

Se é um surfista, bodyboarder, ator, modelo, músico, pintor, ou empresário em nome individual ou um anunciante ou tem uma empresa ou um produto ou uma marca, ou está a tentar vender a sua imagem ou a sua voz ou o seu talento ou a sua paixão que siga um verdadeiro capitalismo verde inteligente dos recursos, esta página pode ser sua. Para anunciar nesta página, fale com a Jupiter Editions através do email publisher@jupitereditions.com. A Jupiter Editions apoia as ideias, projetos, talentos, paixões e anúncios ecológicos e sustentáveis. Uma ideia sustentável Jupiter Editions©

TRADUTORES

Se gostaria de traduzir um dos nossos livros em uma das nossas 12 línguas, entre em contacto

Um tradutor da Jupiter Editions fica com direitos de autor sendo pago mensalmente com as vendas do mês. Um tradutor da Jupiter Editions pode ficar com uma percentagem de até 12% do lucro líquido da venda de cada livro.

A Jupiter Editions dá sempre preferência, para além dos tradutores certificados, aos estudantes universitários ou artistas ou desportistas profissionais que tenham nascido num país com a língua mãe de umas das 12 línguas ou sejam nativos estrangeiros da língua-alvo em que se propõem traduzir, desde que comprovem que dominam a língua e que são capazes de fazer a tradução e a revisão.

* Esta página pode ser sua *

Se é um surfista, bodyboarder, ator, modelo, músico, pintor, ou empresário em nome individual ou um anunciante ou tem uma empresa ou um produto ou uma marca, ou está a tentar vender a sua imagem ou a sua voz ou o seu talento ou a sua paixão que siga um verdadeiro capitalismo verde inteligente dos recursos, esta página pode ser sua. Para anunciar nesta página, fale com a Jupiter Editions através do email publisher@jupitereditions.com. A Jupiter Editions apoia as ideias, projetos, talentos, paixões e anúncios ecológicos e sustentáveis. Uma ideia sustentável Jupiter Editions©



CINEMA E REALIZAÇÃO

Para participar no casting de curtas e longas metragens das cenas do livro 2080 de Antoine Canary-Wharf bastará apresentar à entrada o livro 2080 de Antoine Canary-Wharf ou ter um livro-bilhete SIX OFF THE RECORD.

A entrada no casting sem a posse do livro 2080 de Antoine Canary-Wharf ou do livro-bilhete SIX OFF THE RECORD poderá ser admitida com o pagamento de uma contrapartida até 50€.

A Jupiter Editions dá sempre preferência a novos atores. Para este casting procuram-se algumas personagens que tenham skills de surf e bodyboard e falem alemão/ holandês/ espanhol/ inglês.

Quem vem em cadeira de rodas passa sempre à frente, porque a personagem principal pode, de repente, ir parar a uma cadeira de rodas!

* Esta página pode ser sua *

Se é um surfista, bodyboarder, ator, modelo, músico, pintor, ou empresário em nome individual ou um anunciante ou tem uma empresa ou um produto ou uma marca, ou está a tentar vender a sua imagem ou a sua voz ou o seu talento ou a sua paixão que siga um verdadeiro capitalismo verde inteligente dos recursos, esta página pode ser sua. Para anunciar nesta página, fale com a Jupiter Editions através do email publisher@jupitereditions.com. A Jupiter Editions apoia as ideias, projetos, talentos, paixões e anúncios ecológicos e sustentáveis. Uma ideia sustentável Jupiter Editions©



CASTING

Vamos adaptar o livro *O Deus Tecnológico* de Simão Roncon-Oom para teatro. Traga o seu livro para o casting de seleção de atores e suba ao palco. Brevemente.

TEATRO E REPRESENTAÇÃO

Para participar no **Casting – O Deus Tecnológico de Simão Roncon-Oom** bastará apresentar à entrada o livro *O Deus Tecnológico* de Simão Roncon-Oom ou um livro-bilhete SIX OFF THE RECORD. A entrada sem a posse de um dos livros poderá ser admitida com um custo de até 30€.



CASTING

Encarne as personagens d'*O Algoritmo do Amor* de Jaime Maria Bayamonde da Costa Ayala no casting de seleção de atores para a representação teatral do livro. Brevemente.

Para participar no **Casting – O Algoritmo do Amor** bastará apresentar à entrada o livro *O Algoritmo do Amor* de Jaime Maria Bayamonde da Costa Ayala ou um livro-bilhete SIX OFF THE RECORD. A entrada sem a posse de um dos livros poderá ser admitida com um custo de até 50€.

* Esta página pode ser sua *

Se é um surfista, bodyboarder, ator, modelo, músico, pintor, ou empresário em nome individual ou um anunciante ou tem uma empresa ou um produto ou uma marca, ou está a tentar vender a sua imagem ou a sua voz ou o seu talento ou a sua paixão, que siga um verdadeiro capitalismo verde inteligente dos recursos, esta página pode ser sua. Para anunciar nesta página, fale com a Jupiter Editions através do email publisher@jupitereditions.com. A Jupiter Editions apoia as ideias, projetos, talentos, paixões e anúncios ecológicos e sustentáveis. Uma ideia sustentável Jupiter Editions©

Este demo está protegido e reserva todos os Direitos de Autor.

A obra deste demo foi iniciada no dia 25 de outubro de 2019 e foi registada no dia 14 de fevereiro de 2020.

Se neste momento, por algum motivo, não puder comprar o livro do autor, a Jupiter Editions sugere que faça um donativo ao autor para o IBAN

PT50 0010 0000 58544220001

ou MB WAY 965108603

**O seu donativo é muito importante
para proteger a qualidade de
escrita do autor e não deixar o
espírito do autor morrer.**

**Não deixe o espírito deste autor
morrer.**

**Está nas suas mãos não deixar o
espírito deste autor morrer.**

**Faça um donativo ao autor para o
IBAN**

PT50 0010 0000 58544220001

ou MB WAY 965108603

A Jupiter Editions apostou em 9 livros de novos 9 autores.

O principal objetivo do donativo é a proteção da qualidade de escrita.

Por defeito, se os donatários nada disserem sobre o destino a dar, o donativo será 99% para os autores, cabendo 11% a cada um dos 9 autores e o 1% remanescente será destinado à filantropia da Jupiter Editions como a Plantação de Árvores, o Combate à Fome ou o Combate ao Lixo. O donativo pode ser feito por conta de qualquer um dos fundos que a Jupiter Editions pretende abrir e desenvolver. O donativo pode ser destinado 100% a um autor ou a uma missão.

O donativo pode ser anónimo, mas a Jupiter Editions sugere ao donatário que se identifique, sobretudo, se financiar a voz de um dos autores, para que o autor possa agradecer em nota pessoal. Basta enviar um email para manager@jupitereditions.com com o assunto DONATING e com o comprovativo da transferência bancária.

Se o donativo for destinado a um autor e se com o comprovativo da transferência for ainda anexada alguma fotografia ou mensagem do donatário, a Jupiter Editions obriga-se a reencaminhar o email ao autor.

Por favor, veja a nossa Política de Privacidade, para saber como é que os seus dados são tratados pela Jupiter Editions.

A Jupiter Editions não cede, nem vende os seus dados a nenhum parceiro.

A Jupiter Editions só pode ceder os dados dos Member Readers que tenham aceitado que uma determinada empresa ou parceria comunicasse com os Member Readers. Se uma nova parceria for aprovada pelo Centro Ético de Negócios e Parcerias Sustentáveis Para o Futuro, a Jupiter Editions pergunta na Conta Jupiter aos Member Readers interessados em facultar os seus dados à nova parceria, explicando aos Member Readers a importância dessa mesma parceria. Quando as empresas parceiras/ parcerias contactarem os Member Readers, logo no 1º contacto devem anunciar a parceria com a Jupiter Editions, para que o cliente consiga ver com nitidez as parcerias e a sua importância para a sustentabilidade das empresas num mercado altamente competitivo.

©Jupiter Editions

TARGET

– A Pegada

Digital

Ralf Kleba-Kodak

Registo nº 348/2020 SIIGAC/2020/842 DATA: 2020.02.14

JUPITER EDITIONS

Print Your Heart with Jupiter Editions©

CITO

«Gostamos de repetir que no amor não há competições, porque vimos muitos casais a competirem entre eles! O que não faz qualquer sentido! Competir, compete-se no trabalho, se se tiver que competir, não é nem no Amor nem na Amizade.» in **O Algoritmo do Amor**, de Jaime Maria Bayamonde da Costa Ayala.

«Se somos namorados, vamos querer namorar. E os empresários, os analistas, os artistas e os hackers vão apanhar muito do nosso namoro, muito das nossas fantasias e das nossas ideias... Mas que, ao menos, fique bem claro que ouvir conversas dos namorados é um crime tão grave como apontar uma arma, porque estão a apontar-nos uma arma! Ouvir ilegitimamente conversas alheias ou conversas amorosas através de canais tecnológicos (...) é uma ilícita e ilegal apropriação. É um tirar partido dos namorados. Quem tem de tirar esse partido e esse proveito são os próprios namorados!» in **Paranóide Tecnológica**, de Federico Ferrari.

«Mas para ver o nosso amor é preciso *deseconomizar*. Tirar o amor da economia. Tirar o amor do mercado. Tirar todo o dinheiro à volta do amor. Não ver dinheiro nenhum. Não ver economia nenhuma. Ver

só o amor. A ternura. O carinho.» in **O Algoritmo do Amor**, de Jaime Maria Bayamonde da Costa Ayala

«(...) Quando caminhamos com amigos ou com o nosso namorado é importante estarmos a caminhar com os nossos amigos ou com o nosso namorado. Este foco tem de ser imediato. Estar no café com amigos e estar a pensar em mil outras coisas, é sinal de que devemos imediatamente sair do café. Devemos ir fazer essas “outras coisas” que a nossa mente não para de pensar e o nosso cérebro quer antes ver-nos nessas “outras coisas”. E se o nosso cérebro não quer estar ali, devemos dar-lhe razão. Se tivermos um cérebro saudável, podemos dar-lhe razão. (...) O amor repete-se, claro, todos os dias, mas o namoro, dentro do namoro é sempre diferente. O namoro dentro do namoro parece infinito. Posso ir namorar para os mesmos sítios com o meu namorado, mas dizemos sempre coisas diferentes, damos sempre beijos diferentes, temos sempre emoções diferentes. Temos sempre novas emoções, novos carinhos, novos desejos um com o outro que são sempre os mesmos desejos. Porque aqueles beijos que o meu namorado me deu, não me vai dar mais. Vai dar-me outros. Mas os que me deu, já não me vai dar mais. Por isto também, é que é importante estarmos verdadeiramente com quem

gostamos, com quem amamos, dedicarmos, sem esforço nenhum, o nosso foco a quem amamos. Esse foco tem de ser natural. E é essa a tecnologia do foco cerebral e do foco mental. E tecnologicamente, se eu tiver a tecnologia desse foco, por ter estado focado, eu consigo voltar ao foco. Consigo voltar aos beijos que o meu namorado me deu. Através da mente. Através da memória. E posso recolher a memória deles ao final do dia. E recolho a memória deles no final do dia. Quando venho para casa e já não estou com o meu namorado, venho a pensar nos beijos dele. E agora sim, posso vir a pensar nos beijos dele e em outras mil e umas coisas, porque estou agora a caminhar sozinho.» in **Paranóide Tecnológica**, de Federico Ferrari.

«O tato é tão importante como o olfato, a visão, o paladar, a audição e a intuição. Sentir na pele as coisas! Deixar a pele sentir! Ver o nosso maior órgão que nos reveste a interagir sensorialmente com quem amamos. Ver a nossa pele, o nosso órgão, todo o nosso organismo a reagir com quem amamos. Ver o nosso corpo simplesmente a mexer-se! Ver o nosso coração simplesmente a bater por quem amamos!» in **O Algoritmo do Amor**, de Jaime Maria Bayamonde da Costa Ayala.

DEDICO

Ao Afonsinho

A tudo o que está à nossa volta.

E a tudo aquilo que nós acreditamos.

Siga o autor
@ralfklebakodak

TARGET

– A Pegada

Digital

Ralf Kleba-Kodak

JUPITER EDITIONS

Print Your Heart with Jupiter Editions©

**

***“EU TENHO TODOS OS TEUS
ALGORITMOS”***

**

“Mas eu não percebo porque é que vocês querem ir para lá... Aquilo está cheio de câmaras... Eu não vou para lá! Além disso, já vos disse que entrei lá e perguntei se eles fazem o registo do som... E eles disseram que sim...”

“Ó, Jaime... Nós já sabemos isso... Mas a esplanada ainda é grande, não é?” perguntou o Dário.

“Sim, é...” respondi.

“Então e tem câmaras em toda a esplanada?”

“Não.”

“Há lá algum lado onde não tenha?”

“Há.”

“Então, vamos para esse lado.”

“Em primeiro lugar, não me apetece muito dar euros a uma casa que grava as pessoas. Que grava sobretudo a conversa das pessoas, porque isso não é normal! Em segundo lugar, não me apetece ir para lá e não haver mesa nesse sítio livre de processamento de dados e depois vocês quererem na mesma ir para outra mesa, porque se esqueceram do mercado de dados que já vos falei ou nem sequer se importarem com isso, (...)...”

“Tudo bem! Ninguém se vai esquecer disso! Vamos lá e se não houver mesas no lado que não tem câmaras, vamos para o do lado.”

“No do lado também já instalaram câmaras.”

“Vamos para o outro, a seguir desse.”

“Nesse também já instalaram câmaras.”

“Vamos para o a seguir desse, então. Nessa rua há, que eu saiba, 4.”

“Também já instalaram lá nesse. Até na esplanada que nunca teve. Aos anos que aquilo existe, que aquela esplanada existe e nunca teve uma câmara...”

“Mas, desculpa lá...! Nunca tiveram lá câmaras...”

“Exato, Dário!”

“Mas porque é que agora todo o lado tem câmaras?”

“Exato! Percebes agora? Foi o que te tinha falado...”

“Então, mas isso é legal? Eles podem pôr assim câmaras e gravarem as conversas?”

“Está tudo em aberto...”

“Está tudo em aberto, como assim?”

(...)

“Vejam o filme de *2080* de Antoine Canary-Wharf e vão ver o filme que se está a passar nas nossas vidas reais... (...) Basicamente...”

“Não contes, Jaime... (...)” (...)

“Só ia dizer que em *2080* de Antoine Canary-Wharf...”

“Não, Jaime! Tu contas tudo em 1 minuto... Eu já sei como são os teus “só ias dizer”...”

“Também calha bem que não me deixes contar, porque eu já estou um bocado saturado tecnologicamente para estar a falar disto... De facto, não me apetece mesmo estar a falar mais sobre tecnologia... Eu já vos disse que para esses sítios eu não ponho lá os pés! E gostava que também não pusessem lá os vossos!... Porque eu não pôr, mas depois vocês porem, seria quase a mesma coisa se eu pusesse lá os pés...”

“Como assim?” perguntou Dário indignadíssimo.

“Por estarmos numa sociedade de informação tecnológica, eu falar-te sobre o mercado de dados a ti e tu depois ires contar o que te contei ao Lúcio lá no café para onde querem tanto ir, debaixo de um microfone é a mesma coisa que ser eu a debitar essa informação direitinho para o microfone que leva a informação para ser processada, analisada e tratada.”

Quando chegámos ao café não havia as tais mesas. O Lúcio e o Dário entraram logo e deixaram-se impressionar com o café, que estava extremamente bem mobilado.

“Isto é lindo!” exclamava Dário.

“Adoro!” clamava Lúcio atrás.

“Olhem para isto! Esqueçam! Vai ser o nosso novo spot!” apregoava Dário.

“Uau...!” bradava Lúcio, como se estivesse a caminhar pelas nuvens.

“Olhem, ficamos ali!” ditou Dário.

“Vocês vão então ficar aqui?” perguntei. (...) “Eu vou-me embora, estou um bocado cansado...”

“Ó, Jaime! Fogo! O que é que tem? Isto não tem câmaras!”

“Dário, estás por debaixo de uma câmara que faz reconhecimento facial e sabe o teu perfil do Facebook. Aliás, neste momento sabe quem somos todos e já gravou todo o vosso entusiasmo, todo o vosso fascínio, o quão impressionados vocês ficaram com o sítio. O dono disto, deste café, tem acesso às câmaras. É ele o responsável pelo tratamento de dados. Está ali afixado naquela placa amarela o nome dele a dizer que vai tratar cuidadosamente a nossa imagem. Ele tem a nossa idade e é solteiro. Não sei se ele é bi ou gay. Mas ele sabe que todos nós temos namorados. *Capisci?*”

“*Capisco*, Jaime, *capisco*... Já percebemos que o Curso de Inteligência Artificial te deu alguma inteligência...” disse Lúcio.

“Mas... Uma inteligência... Artificial...” zombou Dário.

“Parece que (...) Esqueceram-se de tudo aquilo que vos tinha dito e daquilo que tínhamos combinado e obrigaram-me a ter de dizer (...) à frente daquela câmara, aquilo que eu não queria dizer. Aquilo que eu não queria ter dito à frente de uma câmara. Sobeja-me perguntar-vos: fizeram algum contrato com o dono? Andam a dormir com o dono na cama? Ele é da nossa idade... Ele convidou-vos para serem as personagens no novo filme dele? Estamos os três na *dark net*? Puseram-me na *dark net* convosco?”

“Estás a ser paranoico, Jaime! Olha aquela mesa ficou livre, não há ali câmaras, baza sentar ali!” sugeriu Dário.

Assim que nos sentámos chegaram Mário e Álvaro.

Passado meia hora comecei logo a ficar saturado por ali estar.

Não ia continuar mais naquele frete tecnológico. Não me apetecia mais estar ali. Só me apetecia escrever o que estava a ver. E não podia sacar ali do caderno e começar a escrever. Não tinha ali o caderno sequer. Mas ainda que tivesse, teria sempre chamado o táxi para ir escrever para casa. A utilidade é a base da economia e já não via utilidade nenhuma em estar ali; era a própria Economia que me dizia para sair dali, era o meu tempo económico que me mandava sair dali, porque o melhor uso possível do tempo que eu poderia fazer era em casa. E fui mesmo para casa.

“Mas vais gastar 20 € para ires para casa, quando podes esperar, o quê...? Mais uma hora... Uma hora e meia, no máximo, vá... E não pagar nada e vamos todos para casa? Eu depois dou-te boleia e deixo-te em casa.” disse Lúcio irritadíssimo.

“Mas eu não quero esperar por vocês e quero ir agora para casa.” respondi.

“Mas não te estás a divertir?”

“Já me diverti.”

“Então, se já te divertiste é porque já não te estás a divertir e queremos saber o porquê!”

“O porquê é simples! Para vocês “agora” é normal começarem a falar de uma história umas cinco palavras e logo a seguir, alguém “agora” perguntar se há um vídeo e “agora” “cortarem o diálogo” e “agora” passarem o vídeo da história por todos e é assim que “agora” se divertem até acabarem os vídeos que há para ver até pilha do telefone estoirar. Para mim isso não é normal, como não foi normal o Álvaro estar a contar a história, vocês interromperem-lhe a história para lhe perguntarem se ele filmou, ele ter dito que sim, eu ter-lhe pedido para que continuasse a contar a história e vocês terem todos “saltado em cima de mim” perguntando-me altivamente o porquê de eu estar a pedir ao Dário que acabasse de contar a história, quando ele tinha ali o vídeo e já estava “a ir buscá-lo”. O meu táxi chegou. Vou-me embora. Falamos amanhã.”

“Precisas de boleia para amanhã? Posso ir buscar-te.”

“Obrigado, Mário. Mas o Afonsinho vai buscar-me.”

“Ui! Que amanhã o Jaime vai aparecer na praia no descapotável do namorado todo bonzão...” brincou Dário numa dança genuinamente jovial empinando o nariz e mexendo os ombros...

“Achas o Afonsinho mais bonzão que eu, Dário?” perguntou-lhe Mário.

“É mais loiro que tu e tem olhos verdes que são sempre uma vantagem aos nossos olhos castanhos... E não tem um corpo tão bombado como o teu... Mas sem fazer musculação, tenho de admitir que o Afonsinho é todo bonzão...”

“Surreal!” exclamei, “Eu não acredito que eu e o Mário temos de te ouvir a falar assim do meu namorado...”

“Já estou habituado, Jaime... Está-me sempre a dizer que me trocava por aquele cantor que as miúdas todas gostam e que é igual ao teu namorado...”

“O Dário diz isso à tua frente?????”

“Diz-me, Jaime.”

“Qual é a cena? Vais dizer que também não trocavas o teu namorado por ele? Ele é um cantor! É considerado o rapaz mais giro do mundo! Ele mexe com todo o mundo! Ele nasceu para mexer com o mundo! Ele é o rei da música! Já fez milhões com as músicas dele, ele tem tudo e quem ele quiser... É só ele escolher! Se ele te aparecesse agora aqui à frente, queria ver senão ias logo com ele... Ias, claro... E nunca mais voltavas! Quem é que não queria ficar com o rei da música?”

“Ouve, tu estás bom da cabeça? O que é que tu estás para aí a dizer? Dá-me vontade de te bater, juro! O que tu dizes é completamente infeliz! E é uma falta de respeito ao Afonsinho! Já que não tens respeito nem por mim, nem pelo teu namorado, ao menos, podias ter pelo Afonsinho... E eu lamento imenso Mário, que o Dário te faça passar por isso. (...) Eu se fosse a ti, Mário, já lhe tinha mandado dar uma volta! Tu és mesmo estúpido, Dário!”

“Sabes que estás a mentir a ti próprio! Se não queres admitir, não admitas!”

“Tu és mais estúpido do que eu pensava, Dário! Eu só queria ficar com o rei da música, se o meu namorado fosse o rei da música! Ele é considerado o

rapaz mais giro do mundo pelos teus olhos, só se for, porque aos meus olhos, o meu namorado é que é o mais giro do mundo!”

“Não, puto! Não sou eu que digo, é todo o sistema que diz!”

“Mas qual sistema, desculpa lá?”

“Os *media* dizem, qualquer agência de modelo diz, a publicidade, toda a economia... Ele até apareceu numa revista com a cara dele cheia de cálculos e figuras geométricas em que foi considerado matematicamente o mais perfeito do mundo. Por isso, se até a matemática o diz, se até a matemática diz que ele é o mais perfeito do mundo, não vale a pena dizeres que ele não é para ti.”

“Vale a pena dizer-te que ele não é para mim o mais perfeito do mundo, porque o mais perfeito do mundo é o meu namorado! Vale a pena dizer-te que não é por uma qualquer matemática ter calculado a cara dele do nariz à orelha de um lado e ver que batia certo com o outro lado, que faz dele o mais perfeito. Esse sistema que falas é todo comercial. E o meu namorado não é comercial. Se a economia e a geometria descobrissem o meu namorado, ele seria considerado também, nesse teu

“sistema”, como o mais perfeito do mundo. Dava um baile, um avanço, ao cantorzinho dos teus sonhos...”

“Então, porque não deixas o sistema e a geometria calcularem as formas do teu namorado? Por acaso, curtia ver o teu namorado a aparecer em tronco nu numa grande pose, numa capa de revista, cheio de circunferências desenhadas com compasso à volta dos peitos dele e tal e aquilo sempre a dar o “pi” e tal...”

“Porque o meu namorado não está à venda e eu e o meu namorado queremos estar fora do mercado. Nem eu o quero mandar para o mercado, nem ele me quer mandar para o mercado.”

“Isso é a conversa de toda a gente que não consegue entrar no mercado.”

“Toda a gente consegue entrar no mercado. O mercado está aberto a todos. Simplesmente há pessoas que não são tão fúteis como tu e que ligam mais aos namorados, quando estão aos colos deles e quando podem passear com eles de mãos dadas e quando podem passar horas a olhar para eles de verdade, do que quando os veem na TV, com toda a gente e com o mercado a olhar para eles e a desejarem-nos fervorosa e carnalmente. Não mereces a carne que Deus te deu!”

“E tu és uma cobrinha!... Mete lá a língua de fora, para eu ver!... Mete lá!... Vá!... Antes de namorares com o Afonsinho, tu dizias que o cantor era o rapaz mais giro do mundo. Agora dizes que é o teu namorado... Estás sempre a contradizer-te... Tu és a coerência em pessoa, puto!”

“Se o disse não me lembro, mas claro que tu terias que registar isso algoritmicamente.”

“Eu tenho todos os teus algoritmos, Jaime! Sei muito bem o que mexe com esse coraçãozinho e o que não mexe... Sei muito bem, o que vê essa tua mente e o que não vê... Sei muito bem, o que quer o teu cérebro e o que não quer... Eu conheço a inteligência dele.”

“Eu não tenho paciência nenhuma para os teus mentalismos forjados, Dário! Se o disse, disse-o justamente quando não namorava com o Afonsinho, disse-o quando era solteiro, antes de o Afonsinho ter aparecido e ter entrado na minha vida. Se esse cantor tivesse aparecido quando eu era solteiro, eu teria ido com ele. Mas não foi ele que me apareceu, foi o Afonsinho e, por isso, fui com o Afonsinho. Agora não me digas que esse cantor tem quem ele quiser ou que ele chega aqui e em dois estalos de dedos e me leva não sei para onde, porque não me leva para lado nenhum! Lá

porque tu és fútil e o achas perfeito, porque ele vendeu milhares de músicas, não penses que todos temos a tua mente. Isso são os filmes da tua mente! São as tuas fantasias! Não as minhas! E eu, se fosse o Mário, tinha pavor dessas tuas fantasias, porque numa sociedade de informação tecnológica, como a atual, em que até os cantores estão no *Instagram*, a probabilidade de enviarem uma mensagem e o cantor, ou o ator, ou o empresário, ou o futebolista apanharem um avião, ou caírem de para-quedas para virem tomar um café contigo, ou para irem contigo para a cama, porque te acharam piada, numa viagem de avião que para eles vale 1 €, a probabilidade é proporcional à atração física e sexual que lhes causas...”

“Pois, se calhar, não tens fantasias com ele, porque o Afonsinho é igual a ele... Parece que o sistema pegou nele e imprimiu um clone para ti... Só se esqueceu foi de também clonar a conta bancária dele...” zombou Dário sem qualquer assistência de risos, “Vou seguir a tua dica e vou enviar-lhe uma *nude* minha... Lúcio, e tu trocavas o Álvaro por ele?”

“Eu nem sei de que cantor estão a falar, mas faço minhas as palavras do Jaime! Jaime vai-te embora, o táxi está a buzinar...”

“Oh! Dizes isso, porque está aqui o Álvaro...” retorquiu Dário, “Deste, olha!” mostrando uma fotografia do cantor no telefone a Lúcio.

“O Álvaro, mil vezes!!!!” respondeu Lúcio “à fotografia” que Dário lhe tinha mostrado.

“O Afonsinho comprou um descapotável, Jaime?” perguntou-me Álvaro.

(...)

“Não comprou. O pai dele deu-lhe o Fiat Punto branco. Nós levámos a um mecânico amigo dele que abriu o teto e mandámos pintar de amarelo.” respondi a Álvaro.

“Ficaram com um estrilho de descapotável!” exclamou prazenteiramente Álvaro, “Quem é que vai amanhã a guiar para a praia?”

“Vou eu, claro!” respondi.

“Vê lá se o carro não se parte ao meio!” gozou Lúcio.

“Porque é que o carro se haveria de partir ao meio?” perguntou Álvaro.

“Por causa da resistência. Toda a estrutura do carro dá resistência para ser dinâmico. Se tirares a parte de cima para abrir o telhado do carro, é como se estivesses a tirar a harmonia física do carro de toda a estrutura metálica. Se tirares uma parede mestra da casa, a casa vai cair também por teres tirado um ponto físico estratégico que mantinha a estrutura ileso. Quando os carros já vêm descapotáveis, os carros já foram projetados para essa harmonia física e levam um reforço em baixo.”

“O amigo mecânico do Afonsinho deu-lhe esse reforço em baixo. Por isso, não se vai nada partir ao meio.”

“O mecânico deu-lhe um reforço em baixo? A quem? Ao carro ou ao Afonsinho? Se calhar, “partiu-o” ao meio lá na oficina e não sabes...” provocou-me Dário.

“Isso é um dos teus fetiches? Seres “partido ao meio” por um mecânico na oficina? Mário, já sabes, no dia do Carnaval vestes o fato macaco e besuntas-te com óleo, que eu peço as chaves da oficina ao amigo do Afonsinho e “curas” as parafilias todas do teu namorado na oficina... Que ele está mesmo a precisar “de ir ao mecânico”... Adeus!”

[— Gravaram tudo?

— Sim...

— E filmaram-me naquela parte em que eu estava a dançar a dizer que o namorado dele era todo bonzão? É que essa dança saiu-me mesmo bem, nem estava à espera...

— Filmámos. Saiu-te bem, porque foste pela primeira vez genuíno na conversa toda.

— Já puseram na *Aplicação*?

— Já...

— Mas esquecemo-nos de fotografar a matrícula do táxi.

— Eu fotografei... Enquanto estavam aí a discutir quem é que era o mais bonzão, vi o táxi a chegar e levantei-me logo num instante e fotografei a matrícula. Disse na *Aplicação* que o Jaime ia sair e enviei a localização e adivinhem quem estava nas imediações... O Jordão e o Mauro Bruno... Eles vão agora atrás do táxi e vão tentar *hackear* a Internet do táxi. O táxi tem um microfone... Vamos ver se conseguimos entrar no

táxi e ouvir o que o Jaime e o taxista estão a
conversar...

— Imaginem só o que era de repente o taxista
meter a mãozinha na perninha do Jaime e virar-se para
ele e perguntar-lhe se ele não queria pagar a viagem com
um bico...

— Ó, putó! Isso era lindo! Ficávamos logo ricos,
se vendêssemos essa *merda*...

— Imaginem os gemidos que ele faz com o
Afonso a fazer ainda mais alto, mas com o taxista...

— Isso era lindo!...

— O Jordão e o Mauro Bruno deviam ou estar a
fumar um charro ou a fazer um bico um ao outro...

— Ou estavam a fumar um charro e a fazer ao
mesmo tempo uma *bicaça* um ao outro... Uma coisa não
impede a outra...

— Como é que a Silvinha ainda não descobriu
deles?

— Oh, ninguém diria... Nem dá para
desconfiar... Aquele Jordão está sempre a engatar *grelo*

nas discotecas. O que toda a gente vê e sabe é que ele gosta é de *grelo* e não de fazer *panelinha com paneleiros...*

— Mas o Jaime não conhece o carro do Jordão?

— Não conhece. Eles nem se dão sequer.

— Mas querem saber a melhor? O Jordão também pôs o Mauro Bruno na *Aplicação...* E parece que o Mauro Bruno geme igualzinho ao Jaime...

— Não sei se tenho coragem de ver o *Target* do Mauro Bruno... O Mauro Bruno é o namorado da nossa Silvinha...

— Não sei se tens coragem nem sei se tens dinheiro, porque para veres o *Target* dele, tens de pagar uma mensalidade de 200 € e para abrires alguns vídeos dele, tens de pagar e muito bem... Tudo o que seja sexual dele não pagas menos do que 500€. Por isso, podes imaginar quem está na *Aplicação* e quem é que paga para ver os vídeos dele. Depois, tens algumas conversas dele todo charrado com o Jordão, que consegues abrir pôr 20 €... Mas tens de pagar! O *Target* dele está noutra campeonato... Não é como o do Jaime, que só precisas de umas palavras-passes para desbloquear e começares a seguir-lhe o *Target*. (...)

“JÁ MARCHAVA UM PEIXE-ARANHA”

“Aquele homem está a apontar-nos diretamente a câmara! Ele não pode! Mas ele pensa que está em algum safari ou quê? Ele está na praia! Não está nem num safari nem num jardim zoológico e nós não somos animais que ele pode fotografar e disparar à balda! Vou lá falar com ele.”

“Eu vou contigo, Jaime!”

“Não venhas, Afonso! Deixa-me resolver isto, se tu estiveres perto de mim vou sentir-me mais poderoso e vou entrar “a matar”... E eu quero resolver isto, de outra maneira...”

“Eu amo-te! Se precisares, faz-me sinal!”

“Eu amo-te!”

“Qual é o nosso sinal?”

“É olharmos um para o outro.”

“Se te virares e olhares para mim, vou a correr. Vou perseguir-te com os olhos, tenho os olhos, como sempre, em ti.”

“Eu amo-te, Afonso!”

“Eu amo-te, Jaime!”

Antes de abordar o senhor, olhei tudo à minha volta e vi “toda” a praia a olhar para mim com os headphones e fones metidos nos ouvidos. E de repente, até o meu grupo estava com os fones metidos. O Lúcio e o Álvaro partilhavam os fones, cada um tinha um auricular metido no ouvido. O Dário e o Mário estavam separados pela tecnologia, cada um tinha encaixado os headphones nas orelhas. Aquilo intrigou-me. Terem-se instalado com a tecnologia, assim que saí de ao pé deles. Quase que pareceu automático. E se eles sabiam que eu me tinha levantado para ir falar com o senhor, que nos tinha apontado com a câmara, porque não ficaram alertas como ficaram Afonsinho, Luís Carlos, Bruninha, Mauro Bruno e Silvinha? Apareceu-me na mente a *Paranóide Tecnológica* de Federico Ferrari. Sabia que aquele senhor, aparecesse de onde aparecesse, viesse de contrato que viesse, enviado por missão-GPS que fosse,

para nos fotografar como alvo, estaria bastante apetrechado com tecnologia para fazer projetar e ecoar o que eu dissesse por toda aquela praia tecnológica apetrechada de telefones, microfones, fios e auriculares. Mas logo, no segundo imediato, “afastei” a *Paranóide Tecnológica* de Federico Ferrari, sem “a mandar embora”. Precisava daquela tecnologia da *Paranóide Tecnológica* de Federico Ferrari, mas à distância, de forma a raciocinar, num automático raciocínio, cada palavra que eu dissesse, de forma a proteger todo o meu discurso, numa, eventual, conferência tecnológica.

“Olá! Sabe dizer-me o modelo da sua objetiva?”

“75-300...”

“Disse quanto? 75-300 DC?”

“Sim, porquê?”

“Conheço perfeitamente... O zoom é muito potente... Como estava a apontar ali para nós, consegue capturar uma imagem nossa perfeitamente nítida. Tão perfeitamente nítida que até me escuso de apresentar, porque vejo que tem a sua câmara ligada à Internet, que ligada, por sua vez, ao *Facebook* ou ao *Instagram*, diz logo quem é que nós somos... Sabe o que estou a tentar dizer, não sabe?”

“Ah! Só tirei duas...”

[— Só tirou duas... Fora as outras 5 que já meteu na *Aplicação*, ó burro!... Foste capturado como um *Pokémon!*

— Sai daí!... O gajo está armadilhado...

— Volta para aqui para ao pé de nós, *Pokémon!*

— Nós estamos a avisar-te, *Pokémon!*

— Olha que quem te avisa, teu amigo é...

— E nós estamos a avisar-te, *Pokémon!*

— É melhor bazares para aqui, para ao pé de nós...

— Volta para tua *Pokeball*, ó *Pokémon!*

— Já repararam... Os nossos telefones são a *pokebola* dele...

— Lindo! Nunca tinha pensado nisso...

— Ó, *Pokémon!* Estou farto de te chamar...

— Volta aqui para a tua *pokebola!*

— Ou seja... O gajo é mesmo um *Pokémon...*

— Shiuuu!

— Shiu o quê, *pá?* O gajo aqui não nos ouve, ó burro!

— Parem de enviar mensagens, por causa do som das mensagens... Deixem ouvir...

— Desativa o som das notificações das mensagens, ó burro!...

— Tens de tocar no símbolo do altifalante no canto superior esquerdo...

— Isto é lindo! Estarmos a falar aqui pela *Aplicação...*

— O que é lindo, é estar aqui mesmo por trás do Afonso a gozar com o Jaime...

— Se o gajo demorar muito, ainda dou uma trancada ao Afonso...

— Isso querias tu...

— Pois, queria... Vais dizer que não querias também?

— Mais ninguém vê os nossos comentários aqui na *Aplicação*, pois não?

— Não, a nossa janela é privada...

— Mas também há uma janela pública...

— Isto das janelas é novo!

— Foi grande ideia isto das janelas...

— Assim o pessoal pode gozar à balda com o *Pokémon*...

— Já foram à janela pública?

— Não, porquê?

— É só comentários a gozarem com o gajo...

— Que deboche! O gajo está a levar com um deboche...

— Isto sim é realidade virtual aumentada sem precisarmos de óculos...

— Só precisamos dos telefones e dos fones...]

“Pode mostrar-me?... Ah! Muito obrigado!... Agora, se não se importa de as apagar à minha frente...”

Tirou-me a câmara fotográfica dos olhos.

“Ah! Mas eu não vou publicar em lado nenhum, não se preocupe.”

“Eu não lhe perguntei se tencionava ou não publicar. Eu nem sequer me atreveria de perguntar isso... Eu pedi-lhe gentilmente que as apagasse, neste momento, à minha frente.”

[— Oh... Tão gentil que o gajo é....

— Ele é um *gentleman*...]

“Ah! Então, não se preocupe que eu depois apago.”

“Eu estou a pedir-lhe gentilmente para que as apague, neste momento, à minha frente.”

[— Já estou a ver demasiada gentileza aí...

— Cá para mim, o gajo quer é dar-lhe uma trancada...

— Tu e as trancadas...

— Mas era uma senhora trancada gentil... Não era uma trancada qualquer... Que o nosso menino é um *gentleman!*...]

“Mas, porquê?”

“Oiça! Ou as apaga imediatamente ou chamo a polícia.”

[— Logo a ameaçar e tal...

— Aí vem ele, com as ameaças da polícia...
Sempre a chamar a polícia...

— O gajo só sabe chamar a polícia... Não se sabe defender sozinho...

— Aprende a defender-te como um homem!
Deixa de ser um menino!

— Ele é que ainda não percebeu que a polícia também está na *Aplicação*...

— Aqueles polícias estavam na *Aplicação*?

— Quais? Os de Picoas?

— Sim...

— Se estavam também a seguir-lhe o *Target*, seguiram muito bem, porque não deixaram rastro nenhum...

— Faz-te um homem e faz-me um filho!

— Deixa-te de mariquices!

— Se não me fizeres um filho faço eu, mas não é a ti...

— Já sabemos... É ao Afonso...]

“Essa é boa! Chamar a polícia porque lhe tirei uma “foto”. Agora não posso, quer ver? Agora não posso tirar “fotos”...”

“Não, não pode! Apague imediatamente, senão eu chamo a polícia!”

“Mas está a ameaçar-me? Se quer que eu apague, eu já lhe disse que depois apago. Não é preciso estar a pôr-se com ameaças e estar para aí todo nervoso a querer arranjar sarilhos. Tenha calma consigo e não arranje sarilhos!”

[— Já estás a arranjar sarilhos...

— Fogo!... O gajo não pode sair da *pokebola* que começa logo a arranjar sarilhos em todo o lado...

— É só sarilhos por todo o lado...

— O gajo está sempre a arranjar-nos sarilhos tecnológicos em todo o lado...

— É sarilhos aqui... Sarilhos ali...

— Estão a ouvir malta? Nós não podemos deixar o gajo sair da *pokebola*...

— Na *pokebola* é que ele não arranja sarilhos...

— Eu por mim, o gajo andava era fechado o dia todo na *pokebola*... Abríamos a *pokebola* só para o gajo comer, fazer um teatrinho e tal, mas logo para a *pokebola* outra vez!]

“Não me peça para eu ter calma, porque eu estou calmíssimo! Apague imediatamente à minha frente as minhas fotografias.”

“Mas o quê? Isto agora é uma ordem? Você não me dá ordens! Eu tenho idade para ser seu pai! Eu é que lhe dou ordens, que você tem a idade do meu filho!”

“Você pode dar as ordens que quiser ao seu filho, mas a mim não me dá ordens nenhuma! Ou apaga ou chamo definitivamente a polícia!”

“Eu apago! Vou poupar-lhe a vergonha de estar a chamar a polícia, por causa de uma situação como esta... Isto mais parece uma anedota!”

“Pois, parece! Isto mais parece uma anedotal! Agora, que já não tem nenhum dado meu em sua posse, por eu ser de Direito vejo-me obrigado a informar-lhe que o Direito à Imagem é um Direito de Personalidade, que é um direito protegido pelo nosso Direito e a sua defesa está constitucionalmente consagrada bem como está tutelada no Código Civil. Se for ao artigo 199º do Código Penal verá que em Portugal, é crime fotografar uma pessoa contra a sua vontade.”

[— Qual é que é a alínea do artigo? Ah pois!
Esqueceste-te de invocar a alínea e o número do artigo... Não é só mandar ir ao artigo 199º... Assim também eu!... Estás a falar do número 1 do artigo 199º ou do número 2 do artigo 199º do Código Penal? Ah, pois!... Assim também eu invoco os artigos à balda, como quero... Assim é fácil invocar os artigos, sem dizer as alíneas e os números e tal...]

Assim que virei costas e olhei para a toalha, vi-os aos 4 a desarmadilharem-se daqueles fios tecnológicos. Mas era o próprio ar deles que os denunciava. A *Paranóide Tecnológica* de Federico Ferrari voltou-me a

pedir autorização para se emparelhar ao meu espírito em 2080 de Antoine Canary-Wharf. E eu autorizei. Imaginei que tivessem ouvido tecnologicamente à distância o que eu tinha dito ao senhor. Se assim fosse, sabia que estava na *Aplicação* e que eles seguiriam fielmente o meu *Target*. Como na vida real seguem-me as pisadas na terra, na vida virtual seguem-me a pegada digital.

Mas é claro, tudo isto era uma intuição tecnológica. E a intuição tecnológica faz parte da nossa vida virtual. É fruto da nossa mente. Do mundo que se passa dentro de nós. Porque há mundo dentro de nós! E depressa, devolvi-me à realidade. À minha realidade. E a minha realidade era o Afonsinho e eles.

E agora, a minha realidade, já não era a câmara fotográfica do senhor, mas era a super coluna portátil do Mário que estava aos altos berros na praia.

“Desculpem lá, não sei quem é que ligou a coluna, mas vão ter de baixar o som até não se ouvir senão aqui... Ouve-se na praia inteira!!!! Eu vinha ao longe a ouvir a vossa música... Por acaso, a música é boa... Mas nem toda a gente tem de gostar ou nem toda a gente tem de ouvir a nossa música na praia...”

“Desculpa lá ó Jaime, mas quem é que vem para a praia e não ouve música?”

“Eu, quando venho à praia, Lúcio, não oiço música! Quero ouvir o barulho do mar, quero ouvir os helicópteros que de vez em quando vão passando, quero ouvir as gaivotas, quero ouvir a praia, não quero ouvir música.”

“Ah! Muito me contas... Da última vez que viemos à praia, ficaste todo contente pelo Mário ter trazido a coluna e fartaste-te de dançar... Mas agora, dizes que não gostas de ouvir música na praia... Primeiro gostas, mas depois já não gostas? Também, muito francamente, não te percebo... Dizes uma coisa, mas depois fazes outra... Tu parece que, de repente, mudas de opinião... Estás sempre a contradizer-te... Começo a concordar com o Dário, és a contradição em pessoa.”

“Isto não é uma questão de opinião! Tu estás a baralhar tudo!”

“Ah, eu é que estou a baralhar? Pois, eu acho que tu é que estás um pouco baralhado...”

“Isto nem sequer era discutível. Estás a fazer uma pura descontextualização. Nós quando falamos das

coisas, devemos saber contextualizar. Ver o contexto. Se não achamos o contexto, ficamos com ideias erradas, informações erradas, impressões erradas e depois passamos ideias erradas, informações erradas e impressões erradas. Primeiro, eu nunca disse que não gostava de ouvir música na praia. Tu perguntaste quem é que vinha para a praia e não ouvia música, como se fosse “normal” todo o mundo vir para a praia e “ter de” ouvir música ou que só se está na praia, se for para estar a ouvir música e se os telefones tiverem bateria para se ligarem às colunas para darem música. E face à indignação da tua pergunta, eu respondi-te que quando venho para a praia não oiço música! O dia de que estás a falar de termos posto música na praia, foi um dia em que estivemos o dia todo na praia e só ao final do dia, quando o sol se estava a pôr, que eu até me lembro desse pôr do sol, porque não os fotografo como vocês, é que se pôs música, com a praia completamente deserta. Não estava ninguém na praia. E o facto de eu me ter fartado de dançar e me ter divertido à brava com música nesse final do dia, não quer dizer que “agora”, quando eu venho para a praia tenha de vir sempre com música. A praia está à pinha, é uma falta de respeito gigante pôr música a tocar. Isso diz(-te) que tu não sabes viver em sociedade, porque não sabes respeitar o

espaço que é de todos. Eu não tenho de estar na praia a ouvir a música dos outros. Para além de que há um Direito ao Bom Ambiente que proíbe que uses telefones, colunas, aparelhagens, rádios e outros aparelhos tecnológicos que emita ruído e que esse ruído incomode os outros.”

“Isso é tudo muito bonito e tens razão, mas eu que sou de Direito, gostava que me disseses onde é que isso está escrito... Porque eu não me lembro de ter visto isso eu nenhum código... Mas, se calhar, pode me ter escapado... Não sei... Diz-me lá, onde é que esse teu Direito ao Bom Ambiente diz que eu não posso fazer ruído com telefones, colunas, aparelhagens e rádios na praia...?” perguntou-me Dário num tom desafiador.

Levantei-me, pus-me de pé em frente ao Dário, fazendo-lhe sombra e estendi-lhe as duas mãos.

“Vem comigo! Vou mostrar-te onde é que está escrito “o meu” Direito ao Bom Ambiente. E espero que depois de o veres escarrapachado, o adotes para sempre!”

Dário, levantou-se com as minhas mãos e fomos de mãos dadas até ao Edital de Praia.

“Vês este placard?”

“Confesso que nunca tinha reparado nele.”

“Vês este documento oficial, dentro do placard?”

“Sim... Que diz “Edital de Praia”.”

“Muito bem! Este documento é o regulamento da praia, onde constam todas as regras para se cumprirem na praia. Lembras-te, há bocado, quando a bola de rugby pela segunda vez veio meter-se entre o meu namoro, entre mim e o Afonsinho?”

“Sim, lembro-me...”

“E lembras-te o que é que eu fiz?”

“Levantaste-te e foste lá falar com eles não sei o quê, os gajos pediram-te desculpa e até quiseram pagar-te um copo.”

“E lembras-te que a seguir foi a vez dos meninos do Sporting, do Porto e do Benfica terem mandado uma bojarada que quase acertou no Afonsinho?”

“Sim, lembro-me...”

“E lembras-te o que é que eu fiz?”

“Levantaste-te e foste lá falar...”

“Não. Levantei-me, peguei na bola deles...”

“Sim... Exato... Levantaste-te, pegaste na bola deles e foste lá falar...”

“Porque quando eu peguei na bola deles, eles começaram todos a assobiar a pedirem para eu lhes passar... Para eu rematar...”

“Sim... Eu sei... E tu não remataste e eles começaram todos a pedir para lhes passares, mas tu a sorrir, puseste-te a chamá-los...”

“A chamá-los sem voz... Fiz-lhes indicações com as mãos... Chamei-lhes com as mãos...”

“Sim... E um deles começou até a enervar-se e veio a correr aos gritos a perguntar se tu eras surdo e se não estavas a ouvi-los a dizerem para passares a bola...”

“Exatamente... Mas porque é que eu não lhes passei a bola?”

“Porque querias falar com eles, querias avisar-lhes para terem mais cuidado ou pedir-lhes que fossem jogar

para ao pé das dunas, mais lá para trás onde não havia toalhas nem pessoas deitadas na areia...”

“Mais lá para trás onde tinha um extenso areal para jogarem à vontade à bola, não concordas?”

“Sim.”

“Queria falar com eles e dizer-lhes que bujardas daquelas partem canas do nariz, partem óculos de ver e de sol e partem coisas e nós não vimos para a praia para andar a partir narizes nem as coisas dos outros. Simplesmente, eu não tenho de levar com uma bolada na cara. E mesmo que a bola não me acerte vez nenhuma, por sorte ou por talento, eu não tenho de ficar “sempre em alerta”, com o coração sobressaltado, porque tenho uma bola a ser jogada em grandes passes e a fazer-me razias. Eu venho para a praia para estar sossegado. Não tenho de vir e ficar preocupado, porque há bolas a voarem por cima de mim de um lado e do outro. Mas podemos ser sensíveis. E eu sou sensível. Eu percebo que a malta venha para a praia e goste de jogar à bola. Mas uma coisa é saberem controlar a bola e fazerem uma roda e estarem ali só a fazerem passes e a bola não importunar ninguém, não sair daquela “rodinha” e não daquela “rodazorra” que abre mais o jogo e abre mais as tacadas para fora. Outra coisa, é

estarem a fazer passes daqueles. Se querem fazer um jogo, têm de ir jogar para outro lado. Há imenso espaço! Não têm de jogar em cima das pessoas! Há bujardas que partem narizes! Portanto, o direito ao lazer, que nem sequer existe, mas nós inventamos, aqui e agora, porque somos sensíveis para a malta da bola, ainda que existisse, ou um dia venha a existir nas praias e nos jardins, nunca se pode sobrepor nem ao Direito à Integridade Física, porque levar boladas na cara ou ficar com a cana do nariz metida para dentro ou partida viola o meu direito à integridade física; nem sequer se pode sobrepor ao Direito ao Bom Ambiente, nem ao Direito à Paz e ao Sossego. E foi por isso, que o anormal quando veio aos berros para cima de mim, de peito feito, com o corpo todo transpirado e a tresandar a suor...”

“Fogo! Mas o gajo, tinha um corpalhão... Viste bem?”

“Nem sequer reparei nisso, Dário! (...)!”

“Não reparaste? E não reparaste que o amigo dele se fez a ti à cara podre?”

“Não sei como é tu reparaste em coisas que eu nem sequer reparei...”

“É normal... Tu estavas metido na cena, percebes? Eu de fora, vejo melhor as coisas...”

“Percebo.”

“Para mim aquela cena foi montada! Aquilo pareceu um teatro... Tipo os meninos bonitos ali vestidos uns com as camisas do Sporting, do Porto e do Benfica, outros meio despídos só com as meias e com os calções... Todos juntos, todos amigos... Pareceu mesmo um teatro... Não achaste?”

“Não.”

“O amigo dele depois falava contigo mesmo em cima de ti, punha-te a mão por cima, encostava-se todo... Eu olhei para o Afonsinho, o Afonsinho já estava em brasa.”

“E com toda aquela insistência o que é que eu lhes disse?”

“Que se quisessem continuar a jogar teriam de ir lá para trás, porque senão irias chamar a Polícia Marítima...”

“Mas porque é que eu iria chamar a Polícia Marítima? Com que fundamento?”

“Edital de Praia?”

“Exatamente. Quero que leias, por favor a alínea i) do número 4.”

“«São atividades interditas, as atividades desportivas ou recreativas com recurso a objetos arremessáveis ou que podem causar incómodo aos outros banhistas fora das áreas terrestre ou aquáticas expressamente demarcadas.»”

“É esse o fundamento legal para se poder chamar a Polícia Marítima quando alguém quer vir para a praia incomodar os outros. E agora, quero que leias também a alínea j) também do número 4.”

“«É proibido a utilização de equipamentos sonoros e desenvolvimento de atividades geradoras de ruído...»”

“*Capisco?*”

“*Capisco!*”

Voltámos para as toalhas.

Havia uma conversa instalada e assim que eu e o Dário chegámos, Lúcio convidou-nos a participar nela.

“Estávamos aqui a falar que há traições que são justificadas, porque nós somos seres humanos que temos toda uma engenharia de neurónios por trás onde ocorrem constantemente, por cada segundo, impulsos elétricos. E por isso, há impulsos que nós não podemos controlar. O que é que vocês acham?”

“Ah! Eu acho que sim... Nunca tinha ouvido essa... Mas acho uma desculpa perfeita para dares ao teu namorado, se o quiseres trair... Culpa agora os neurónios... E diz que foi o impulso elétrico de um neurónio teu... Mas a seguir, diz-lhe que te embebedaste e destruístes-o e que já não vai haver mais impulsos desse neurónio... Poderá é haver impulso dos outros bilhões de neurónios... Mas também, trair uma vez ou trair um bilião de vezes, é quase a mesma coisa...”

“Oh! Ó, Jaime?! Mas tu estás a gozar?”

“Não... Lúcio... Estou a falar a sério... Não vês?... Acho completamente que há traições que sejam justificadas... Sobretudo, por causa dos neurónios... Por causa dos impulsos elétricos nos neurónios...”
ironizei.

“A sério... Não levas nenhum tema a sério! Não dá para falar contigo sobre nada! Nós somos seres sexuais! Cada vez que tu saís de casa e te arranjás, é porque queres atrair e se queres atrair, é porque ficas predisposto sexualmente a isso. Senão fosse assim, não fazias musculação, não te penteavas, não punhas perfume, não vinhas para a praia com esses calções que dão nas vistas... As pessoas dão nas vistas, porque querem atrair. E querem atrair, porque são seres sexuais. Tudo o que fazemos é sexual. Até tudo o que dizemos.”

“Portanto, segundo a tua teoria, nós só estamos aqui na Terra para andarmos sexualmente uns com os outros? Portanto, toda a tua *emocionalidade*, inteligência, sociabilidade, cognição, todas as competências e capacidades que herdaste da evolução humana não servem para nada, a teu ver, é isso? Ou seja, as emoções que tu tens não te dizem nada? Não te dizem, por exemplo, que antes de sermos seres sexuais, somos primeiro seres emocionais? Porque temos sentimentos e emoções...? Porque sentimos as coisas...? Como sinto, neste momento, a triste redução que fazes de todos os seres humanos. Acabaste de nos reduzir à nossa insignificância. Acabaste de dizer que somos seres insignificantes. Mas a tua imagem redutora das coisas, não te esqueças que só te reduz a ti, que tens essa

imagem. Não reduz a mais ninguém. Não reduz aos outros seres sexuais. A tua imagem, reduz-te a ti mesmo. É óbvio, que eu não me sinto um ser sexual. Sinto-me um ser emocional, um ser social, um ser inteligente, um ser cognitivo, um ser filosófico, um ser amoroso...”

“Isso é tudo muito bonito o que estás a dizer, Jaime. Mas isso também eu consigo dizer, se eu quiser...”

“Mas não foi o que disseste, Lúcio! E o que conta, é aquilo que tu dizes. Porque aquilo que tu dizes, fica registado nos nossos cérebros. Os nossos neurónios-espetadores estão a captar toda a informação que tu nos estás a dar e estão a registar para sempre nos nossos cérebros, numa gaveta, como uma memória. E eu não tenho memória senão de teres dito, com toda a certeza, que éramos seres sexuais e não seres amorosos ou seres emocionais ou seres sociais...”

“Tu não consegues controlar os teus neurónios. Há impulsos que não controlas! Ou vais dizer que tu controlas todos os teus impulsos?! Há impulsos sexuais que tu não consegues contornar! Que fazem parte da tua natureza. É como um leão comer um veado. É um impulso da natureza. É como tu olhares para um gajo

todo bonzão e queres comê-lo, queres ir com ele para a cama. Não consegues controlar a tua ereção pelo gajo. Por muito que queiras, vais ficar de pau feito na praia e toda a gente vai ver que aquele gajo mexeu contigo, que mexeu com a tua natureza. Com a natureza, que tu não consegues controlar. E não é por mal, és humano. Somos todos humanos. Nós não conseguimos controlar a natureza. A natureza é que nos controla. Nós não conseguimos controlar os impulsos. Os impulsos é que nos controlam. E se tu não podes ter domínio por um impulso da tua natureza, não podes ser responsabilizado por isso.”

“Ah isso, é que podes! Podes e vais ser responsabilizado pelos “impulsos” que não consegues controlar. Até podes ter impulsos, até podes ter atrações, mas é tudo uma questão mental. É tudo uma questão de estabilidade emocional. É tudo uma questão de amor pelas coisas. Tu até podes não conseguir controlar os teus neurónios, podes não ter mãos neles “por eles serem milhares”... E tu só teres duas mãos e um cérebro... Mas tu controlas essas tuas duas mãos e esse teu cérebro. Genericamente, tu até tens controlo, tens um domínio neuronal, porque tens um domínio cerebral. Ao controlares o teu cérebro, ao comunicares com o teu cérebro, ao contratares com o teu cérebro,

ele contrata com os neurónios, ele comunica com os neurónios e toma mão deles. Dá-lhes um certo sentido, uma tendência, um significado. A orgânica do nosso cérebro é plástica. Ele está plasticamente disposto a tomar o caminho e o meio que tu queres tomar, que tu queres inteirar, que tu queres absorver. Nessa absorção do meio, os teus neurónios comportam-se com o meio. Reagem com o meio. Se tu estiveres amorosamente preenchido, os teus neurónios só te vão dar impulsos amorosos. Não te vão dar impulsos sexuais. Os teus neurónios-espetadores só vão ver bonito o teu namorado. Vão ser os telespetadores do teu namorado. Vão se ligar a todas as células do teu namorado. E vão se comunicar com os neurónios do teu namorado, numa telepatia muito bonita. Vão-se sintonizar com o amor. Por isso, nem eu nem a leoa que contornou o seu instinto natural de predar gazelas e protegeu durante anos uma gazela dos leões, mimando-lhe, dando-lhe afetos, percebemos aquilo que dizes.”

“Então, se eu por acaso tiver um impulso sexual por alguém sem controlo nisso e quiser matar esse impulso para me libertar desse pensamento libidinoso da minha mente e poder depois estar outra vez a 100% com o meu namorado e se o só fizer uma vez, só para libertar essa minha natureza libidinosa interior que eu

não consigo controlar, vais dizer-me, que neste caso, a minha traição, que foi para salvar o meu namoro, não se justifica? É que podes dizer aquilo que tu quiseres, mas nós temos uma natureza sexual em nós, e por isso, nós somos seres sexuais.”

“Não! E não! E não! Nada justifica essa tua traição! Nada justifica traíres! Mas quais impulsos? Foram os impulsos? Se tens esses impulsos, então é porque não amas! Também os tinha, mas antes de amar alguém! Antes de namorar com o Afonsinho... Somos seres sexuais? Então sê sexual com o teu namorado! Com quem dizes que amas! Com quem te diz que ama todos os dias! Se somos seres assim tão sexuais, como tu dizes, então, porque é que não fazes sexo todos os dias com o teu namorado? Faz sexo a toda a hora com ele! É com ele que tens de fazer sexo! Não é com mais ninguém! Não é comigo, nem com o meu namorado! Por isso, bem que podes tirar o cavalinho da chuva!”

“Uma leoa que protegeu uma gazela de outros leões e deu-lhe afetos? Que história é essa?” perguntou-me Dário.

“É uma história real, como há mil e uma outras. Há predadores que conseguem controlar os seus instintos naturais e amar as suas presas.”

“Irmão... Isso sou eu e tu... Eu sou um predador natural teu, mas consigo controlar os meus instintos naturais e amar-te como uma presa minha.”

“Eu sei, Dário. Sempre tiveste cara de predador.” respondi-lhe.

“Tu és a minha gazela, Jaime. Eu sou o teu leão...”

“De facto, consegues mesmo fazer sentir-me uma gazela. Talvez tenha sido uma gazela na vida passada e talvez tenha sido comida por ti, Dário.”

“Ah...! É por isso que não comes gazelas? Porque te sentes uma gazela...?” perguntou Lúcio.

“Ainda não percebi essa tua filosofia dos animais...” zoou-me o Dário.

“Que filosofia dos animais?” perguntei cinicamente.

“Sim, essa tua filosofia dos animais... Não comes uns animais, mas depois comes outros... Nem sei se lhe hei de chamar filosofia dos animais ou filosofia de dieta ou filosofia dos nutrientes... Ou filosofia da incoerência...” intrometeu-se Lúcio num sutil complô com Dário contra mim.

“Podes chamar-lhe o que quiseres. Eu chamo-lhe filosofia de inteligência sócio-afetiva.”

“Sim... Mais uma vez, lá estás tu a ser incoerente e a inventar... Ou não comes nenhum animal ou, então, comes todos os animais... Não há animais mais fofinhos que outros... Aliás!... Quem és tu para ditares as regras do jogo? Quem és tu para dizeres que há animais mais fofinhos que outros?” provocou-me Dário.

“Não fui eu que inventei as leis da Ecologia nem da Biologia. Nunca me ouviste dizer que não como animais por eles serem “fofinhos”, seja lá o que isso signifique no teu dicionário, que duvido que incluas a palavra “fofinhos” no teu dicionário. Mas há animais mais inteligentes que outros. E não sou eu nem *O Deus Tecnológico* de Simão Roncon-Oom que dizemos isto. É a própria Natureza. É a Biologia. Talvez, se perderes menos tempo de volta da *dark net*, dos *Facebooks* e dos *Instagrams* e dos *WhatsApps* que é tudo o mesmo mercado de dados e investires esse tempo a observares e a reparares um pouco mais na Natureza, comeces a ver os dados que a Natureza te deixou e talvez, numa Internet própria da tua natureza, comeces a querer ligar aquilo que vês, que é a realidade que tens à tua frente.

Há animais que possuem uma extrema inteligência emocional sócio-afetiva. É essa a minha filosofia! E acho que é lícita e perfeitamente legítima e moral... Não percebo, porque é que se têm de opor... Não percebo, porque é que as minhas escolhas mexem tanto convosco...”

“Agora deu-te para isso...” zoou Lúcio.

“Ninguém aqui se está a opor, mas queremos explorar o que vai aí nessa tua cabecinha...” retorquiu-me Dário num desafiador tom.

“Mas quem tem de explorar o que vai na minha cabecinha sou eu... Não é nenhum de vocês, porque vocês não são nenhuns exploradores para andarem a explorar cabecinhas...”

“Quem disse? Somos exploradores de dados... Gostamos de explorar e extrair todos os dados...” continuou Dário no mesmo tom.

“Então, vão fazer essa vossa exploração para outro lado, que eu vim para aqui para estar na praia completamente sossegado! Já vos disse: não predo nenhum animal que eu saiba que tenha inteligência sócio-afetiva com os da sua espécie ou com a espécie

humana. E eu sou livre de filosofar e defender esta minha filosofia.”

“Então e tiraste essa tua filosofia de onde *À Velocidade da Luz* de Gil de Sales Giotto? d’*Os Autores do Sistema* de Sebastião Lupi-Levy ou do *Jupiter* de Gabriel Garibaldi?” perguntou-me Dário.

“Importei da minha cabeça e vi que (...) o Jaime Maria Bayamonde da Costa Ayala tinha sido o primeiro autor a defender esta inteligência sócio-afetiva das espécies n’*O Algoritmo do Amor*.”

“E diz-nos lá... Não ficaste com uma *Paranóide Tecnológica* de Federico Ferrari por teres visto essa tua filosofia espelhada (...) como se te tivesse sido extraída tecnologicamente da mente e clonada (...) numa outra filosofia mais tecnológica, (...)?”

“Claro que não.”

“Então, se não ficaste com a sensação de uma *Paranóide Tecnológica* de Federico Ferrari, com que sentimento ficaste?”

“Com o sentimento que estava sintonizado ao sistema. E vocês também deviam, de uma vez por todas, sintonizarem-se connosco ao sistema e ao universo.”

“Tu dantes, não eras assim... Tu dantes, comias porco; eu lembro-me muito bem! (...)”

“(...) Sim, comia carne de porco e então? Deixei agora de comer carne de porco. O importante aqui não é “que eu comia”, mas que deixei de comer. Também fumava! Mas assim que apareceu o Afonsinho na minha vida deixei de fumar, porque quero ter uma longa vida com ele e não quero que ele me veja a ser entubado, nem eu quero ser entubado. Houve uma mudança, houve uma evolução. Comia porco até ter sido informado que há quem tenha porcos como animais de estimação, que há porcos que fazem parte da família de humanos, que há porcos que brincam o dia todo com cães, que há porcos que adoram crianças e as defendem como se fossem cães. Evolui o meu pensamento. Não tenho de ser massacrado, só porque nasci numa família que comia carne de porco e não sabíamos que o porco tinha uma inteligência sócio-afetiva. Soubemos, tivemos essa informação e reagimos a essa informação. Cada um reage à informação como quer. Eu reajo assim. É a minha evolução.” respondi-lhes.

“Eu já te tinha dito que odeio que as pessoas digam que “é a evolução”, que “evoluíram” e que os outros “têm de evoluir”.”

“Podes odiar, Lúcio. Mas não é o teu ódio, que é mais um grémio do que outra coisa, porque é um grémio mental que tens aí no teu cérebro que não te deixa ouvir os outros dizerem que evoluíram, que vai fazer com que eu pare de dizer que evoluí, quando eu sinto verdadeiramente que há uma evolução em mim! Ontem, comia carne de porco; hoje, não como carne de porco. Evoluí, em relação aos outros que continuam a comer carne de porco. Antes fumava. Agora já não fumo, porque amo o Afonsinho. Ele nunca me pediu para eu deixar de fumar, eu próprio quis deixar de fumar. Quando alguém nos ama e nos quer para sempre e nós amamos e queremos para sempre ficar com quem nos ama, para nós ficarmos para sempre com quem amamos, temos de ter uma boa saúde. Senão, a pessoa que nos ama é que vai ficar cá a ver a sermos entubados, é que vai sofrer muito mais do que nós que vamos ser entubados. E o Afonsinho conheceu-me a fumar. E mesmo assim, escolheu ficar comigo, mesmo comigo a fumar, quando ele nunca fumou, odeia o tabaco e não percebe porque é que as pessoas fumam quando sabem que faz mal, que os cigarros são radioativos, que estão associados a quase todos os cancros e que encurtam a esperança de vida. Quando eu amo, eu não quero encurtar a minha esperança de vida. Eu só quero é

alongá-la. Eu só quero é ter uma longa vida com o Afonso. A saúde está francamente relacionada com a felicidade. Se eu quero continuar tão feliz como sou hoje, talvez tenha de começar a zelar pela minha saúde e a pensar já na minha reforma. Eu evoluí nisto. Antes embebedava-me, hoje já não me embebedo. Se abro uma garrafa de vinho com o Afonsinho, servimos uma vez os copos e metemos a rolha na garrafa e só voltamos a tirar a rolha no dia a seguir. Sobra-nos sempre vinho. Guardamos o vinho para outro dia. Evoluí em relação aos copos de vinho. Já lá vai o tempo em que andava nos copos, a comer carne de porco e a deitar-me com lobos. Os lobos-animais que cacem os porcos e as ovelhas. Eu não sou nenhum lobo-animal. Não tenho o instinto de predação deles. Tenho uma outra intuição. E a minha intuição, dá-me uma outra filosofia de predação, faz-me seguir com o meu coração *O Algoritmo do Amor* que defende a filosofia da predação humana de Jaime Maria Bayamonde da Costa Ayala.”

“Já percebemos que gostas é de comer sardinhas. Opa, deem-lhe sardinhas que o gajo come! Se o gajo não quer comer porco deixem-no estar, comemos nós, sobra mais carne para nós!... Não foste um lobo na vida passada, mas deves achar que foste um golfinho e

por isso, se os golfinhos não comem porcos tu também não comes porcos, não é Jaime?” [risos]

“Vês como até consegues ter piada, Dário?” assinalei-lhe.

“Vai um peixinho-aranha frito ou um chouricinho assado, Jaime?” perguntou-me Dário.

“Já marchava um peixe-aranha.” respondi-lhe.

“E um peixinho-aranha frito ou um cavalo-marinho grelhado?”

“Eu protejo os cavalos-marinhos. É um crime os humanos comerem cavalos-marinhos.” respondi-lhe.

“É um crime? Essa é boa! Estás a ver? Tu para mim, és a incoerência em pessoa... Quer dizer, não comes cavalo-marinho, porque dizes que é um crime, nós humanos comeremos cavalos-marinhos, mas peixes-aranhas já podes comer e se tu podes comer, então, já todos podemos comer, só porque tu comes, e por isso, já não é crime nenhum...”

“Um peixe-aranha em nada tem de ver com um cavalo-marinho, Lúcio!”

“Ó Jaime, desculpa lá, mas, então, se até os golfinhos comem cavalos-marinhos, porque é que nós não podemos comer também cavalos-marinhos, sendo que os golfinhos são extremamente inteligentes e sociais????” perguntou-me Lúcio indignadíssimo.

“Os golfinhos não comem cavalos-marinhos.” respondi-lhe.

“Se os golfinhos comem peixes-aranhas também comem cavalos-marinhos.”

“Os golfinhos não comem cavalos-marinhos!”

“Mas comem peixes-aranhas...”

“Sim, comem!”

“E tu comes peixes-aranhas?”

“Sim, como.”

“Então, e não tens pena dos peixes-aranhas?”

“Eles são solitários e não têm vida social nem afetiva com nenhum outro peixe-aranha.”

“E os cavalos-marinhos não são solitários?”

“Não!...”

“Então, quando o macho morre a fêmea não fica para ali solitária só a pensar “no marido” que morreu, à espera de morrer?” [risos]

“Sim...”

“Então, é solitária! Aí, já podíamos comer... Ou não concordas?” [risos]

“Claro, que não concordo!”

“Então, mas vá... Imagina que os golfinhos comem cavalos-marinhos...”

“Mas os golfinhos não comem...”

“Mas imagina...”

“Mas eu já sei o que tu vais perguntar...”

“O que é que eu vou perguntar?”

“Se os golfinhos comessem cavalos-marinhos hipoteticamente se eu também os iria comer, pelos golfinhos comerem...”

“E então?”

“E então o quê, Lúcio? Esta conversa já me está a saturar, confesso-te...”

“Eu quero que imagines!”

“Tu não tens de querer que eu imagine nada! Eu imagino o que eu quiser...”

“Está difícil, hoje, de te extrair dados...! Porra! Porque é que te estás a fazer assim de tão difícil? Responde lá ao Lúcio... Isto é uma conversa intelectual... Não és tu que gostas de conversas intelectuais?... Estamos a dar-te uma de bandeja...!” intrometeu-se Dário num complô com Lúcio, cada vez menos sutil.

“Eu, às vezes, acho-vos uma piada... Isto de intelectual não tem nada... Para mim é uma conversa idiota.” respondi-lhe.

“O que vale é que para ti, tudo o que dizemos é idiota.” retorquiu Dário num tom cnicamente *vitimioso*.

“Se imaginarmos que os golfinhos comem cavalos-marinhos, aí tu também já comias cavalos-marinhos, não era Jaime?” insistiu Lúcio.

“Claro, que não!” Não é por os golfinhos comerem um animal que eu vou também comer esse animal.”

“Então, mas eles são superinteligentes...”

“Pois, são... Mas não é por um golfinho, que é superinteligente, não ver inteligente um animal, que eu vou esquivar-me de reconhecer a inteligência de um animal. Um golfinho pode não comer um cavalo-marinho por mil e uma razões. Ou porque é muito ossudo e não gosta, ou porque sabe mal, ou porque o acha engraçado, ou porque comunica com ele, ou seja, lá pelo que for. O golfinho pode não conseguir ver a inteligência de um animal. Mas nós conseguimos. No nosso mundo há biólogos, laboratórios, escolas, Internet... No mundo dos golfinhos não há nada disso! (...) Paraphraseando Gil de Sales Giotto, nós “não percebemos muitas coisas que os animais fazem que são inteligentes, porque usamos a inteligência humana como padrão. Mas há muitas mais inteligências para além da inteligência humana.” E isto está inscrito no meu coração e foi escrito *À Velocidade da Luz*. Talvez, os golfinhos até saibam que os cavalos-marinhos ficam juntos para sempre e talvez até possa ser, por isso mesmo, exatamente por isso, que os golfinhos não predam os cavalos-marinhos e “os defendam”, capturando peixes maiores e caranguejos que predam os cavalos-marinhos. Ou talvez, os golfinhos não saibam que os cavalos-marinhos ficam juntos para sempre. Mas nós sabemos! E isso, muda tudo! Essa informação tem de fazer mudar tudo! É assim, que o homem deve evoluir! Reagindo à informação! Processando uma nova informação! Geri-la e depois, atuar com a nova informação! É isso, que se chama evolução! É

esse o verdadeiro significado de evolução! Reagir à informação! (...)

***“AS RAPOSAS HUMANAS É QUE SÃO
PERIGOSAS, SOBRETUDO AS MAIS
TECNOLÓGICAS”***

Assim que entrámos em casa eu e o Afonsinho subimos as escadas para o nosso quarto. Enquanto trocávamos os calções de banho por uma calça de fato treino e os chinelos por uns ténis para irmos dar um passeio pelo monte, trocávamos mil beijinhos na boca e no corpo um do outro a saber a sal da praia. Levámos uma garrafa de vinho, o gargaleiro e duas taças de vinho para o nosso passeio. Tinha escondido a garrafa, as taças e o gargaleiro no meu quarto, para quando descêssemos as escadas, conseguíssemos logo pôr-nos porta-fora da casa, sem termos de ir à cozinha.

“Eh! Onde é que vão os pombinhos?” apanhou-nos Mauro Bruno ao colo com a Silvinha que se perdia em gargalhadas no caminho deles para o banho.

“Shiuuuu!” mandou Afonsinho calar Mauro Bruno e calar as gargalhadas da Silvinha que nos denunciariam.

“Eh! Nem convidam!” exclamou Dário, aparecendo ali em cena em tronco nu, descalço, de luvas de boxe calçadas e uns calções larguíssimos encarnados.

“Tu não podes ser convidado, porque quem está a treinar não pode beber vinho.” interveio Mário.

“Vês...? Eu até te convidava para vires connosco num passeio romântico, só que o nosso passeio mete vinho e o teu *boyfriend*, barra, *personal trainer* não te autoriza...” aproveitei a deixa de Mário, para responder a Dário.

“O meu querido namorado, autoriza-me a ir beber um copo com os meus queridos amigos Jaime e Afonsinho?” perguntou Dário.

“Não. Eles vão namorar que ainda não namoraram, porque ao contrário de nós, eles não são uns javardos e não se comem fortemente na praia como

nós o fizemos, que até os deixámos com vergonha alheia e não vale a pena dizer que não, Jaime, porque bem senti o teu olhar julgador... Além de que não te convidaram e tu, meu querido Dário, tens um treino para fazer comigo, agora.” respondeu Mário.

“O meu querido *personal trainer*, autoriza-me a ir beber um copo com os meus queridos amigos Jaime e Afonsinho?” voltou a insistir noutra versão.

“Nem vale a pena...” respondeu-lhe Mário, “Já estamos atrasados e o Lúcio e o Álvaro estão à nossa espera para começarmos o treino... Jaime, espero que não te importes, mas vou fazer da tua cozinha, que mais parece um salão de baile, um ginásio para dar umas aulas de boxe aos meus novos clientes, apresento-tos: Lúcio e Álvaro.”

“Vais enriquecer à custa da minha cozinha, que é minha propriedade?” perguntei.

“Vou. Se me deixares...”

“Isso é enriquecimento sem causa. Está no artigo 473º do Código Civil!” assinalou Dário com o dedo indicador a apontar para Mário, zombando com uma mão à cintura.

“O que é isso?” perguntou Lúcio.

“É um regime que o Direito se lembrou “de abrir” no Código Civil e que diz que o dinheiro que o Mário fizer por ser vosso *personal trainer* aqui na minha cozinha reverterá para mim, porque ele está a usar a minha cozinha, que é minha propriedade, ou seja, está a ganhar a vida injustamente à minha custa. No entanto, a natureza da obrigação do enriquecimento sem causa é subsidiária, ou seja, só se aplica se nenhum outro regime se aplicar. O Dário invocou o artigo 473º, mas no artigo logo a seguir a esse, no 474º, está qualquer coisa escrito como, “quando a lei preveja outro meio de restituir ou indemnizar o empobrecido”, que sou eu, ou “negue o direito à restituição”, que aqui não se nega coisa nenhuma, ou “atribua outros efeitos ao enriquecimento”, então “não haverá lugar à restituição por enriquecimento” e vai-se restituir através de outro regime... Que é isso que quer dizer, ter natureza subsidiária. Ou seja, só se aplica se não se aplicar outro regime ou se a lei não me disser que tenho de aplicar outro regime.”

“Mas tu não ficaste mais pobre... Simplesmente não vais é ficar mais rico... E para te ser algo restituído,

é porque tinhas de ter esse algo e tu não tinhas nada...” contestou Lúcio.

“Certo! Mas aqui neste regime, alguém ficar mais rico à minha custa, é juridicamente igual a eu empobrecer. E quando se diz que se vai restituir, é restituir-me aquilo que era meu por direito. Alguém chegar aqui e fazer dinheiro com a minha cozinha ou na minha cozinha...(…) Isso... Faz o Direito dizer que esse dinheiro é para mim. Neste caso, haverá uma gestão de negócios em que o Mário vai assumir a direção do negócio do ginásio que é um negócio alheio ao Mário, porque a cozinha é minha e ele vai montar o negócio na minha cozinha, logo o negócio é meu e sou eu que sou o dono do negócio, num negócio em que o Mário vai assumir a direção no meu interesse... Neste caso, não se iria aplicar o enriquecimento sem causa, por causa da sua natureza subsidiária, por haver um outro regime que resolveria aqui o meu caso, que seria o regime da gestão de negócios. Portanto, isto seria uma gestão de negócios.”

“Base legal?” perguntou-me Dário.

“Artigo 464º do Código Civil.”

“Divirtam-se!” exclamámos em coro eu e Afonsinho, despedindo-nos deles...

“Vocês vão onde?” perguntou Dário.

“Vamos dar um passeio...”

“Sim, mas vão onde? Ao poço, ao miradoiro, ao clarão, à fonte?... Vão para que lado?”

“Vai ser um passeio-surpresa para o Afonsinho... Por isso, não posso dizer... Divirtam-se!”

“Vocês não vão levar os telefones?”

“Não...”

“Porquê?!”

“Nós nunca levamos os telefones quando vamos os dois passear...”

“Porquê?!”

“Porque haveríamos de levar?”

“Pode acontecer alguma coisa...”

“O mais perigoso que pode aqui acontecer é aparecer uma mãe javali com os seus javalis pequenos e querer-nos atacar... Mas eu e o Afonsinho somos

peritos em subir às árvores e estamos sempre a subi-las. Se aparecerem javalis ficamos a namorar em cima de uma árvore.”

“E se aparecer uma raposa? É melhor levarem os telefones, para caso aconteça algo nós irmos a correr ter convosco... Olha só se aparece uma raposa!”

“As raposas animais não nos fazem mal nenhum. As raposas humanas é que são bastante perigosas... Sobretudo as mais tecnológicas... Tu é que me saíste uma grande raposa! Nós não precisamos dos telefones para nada, só precisamos da garrafa, do gargaleiro e destas duas taças de vinho. Até logo! Bom treino!”

[— Acham que o Jaime sabe alguma coisa da
Aplicação?

— Claro que não sabe! Se ele soubesse não
estávamos agora aqui em casa dele como convidados...

— Não, necessariamente... Ele é inteligente...

— Eu acho que ele desconfia de alguma coisa...
Não ouviram o que ele me disse?

— Sim... Que as raposas animais não faziam mal
nenhum, mas que perigosas eram as raposas humanas e
sobretudo as mais tecnológicas...

— Ou seja, isto foi uma dica dele para mim...

— Sim... Mas ele persente as coisas...

— Ele tem uma sofisticada tecnologia que
ganhou no nascimento dele, que é a intuição... Ele é
extremamente intuitivo...

— Pode só estar a tentar tirar nabos da púcara com a intuição dele... Para além de que, tu estavas a insistir imenso...

— Sim, não podes insistir assim tanto... Ele quando anda com o Afonso, anda sempre sem telefone. Já sabemos.

— E por falar em telefones, onde é que estão os telefones deles? Sempre podíamos entreter-nos um bocado a *hackear-lhes* umas mensagens, umas fotografias... Podem ter *nudes* no telefone...

— Eles não trocam *nudes*.

— Como é que sabes?

— Porque sigo o *Target* dele no *Messenger* e no *WhatsApp*. E não há nada de novo. Tudo o que ele tem no telefone dele está na *Aplicação*. Eles têm estado connosco, o dia todo, ele nem sequer mexeu no telefone, por isso, não vale a pena vermos nada no telefone dele...

— Mas pode haver algo no telefone dele que não esteja na *Aplicação*...

— Nós instalámos-lhe o programa no telefone dele em que temos acesso a tudo do telefone dele e sabemos o que ele está a fazer no telefone. Não há nada no telefone dele que não esteja na *Aplicação...*

— Podíamos era também instalar um programa desses no telefone do Afonso... Eu sei o padrão dele para desbloquear o teclado do telefone...

— Não podemos...

— Porquê?

— Porque o Afonso está connosco...

— O QUÊ???? (...)]

(...)

**Não deixe o espírito deste
autor morrer.**

**Está nas suas mãos não
deixar o espírito deste
autor morrer.**

**Faça um donativo ao autor
para o IBAN
PT50 0010 0000 58544220001**

ou MB WAY 965108603

Para ver os outros demos desta obra, na página dos Member Writers no site da Jupiter Editions www.jupitereditions.com vá à subpágina do autor e clique nos botões dos vários demos.

**O seu donativo é muito importante
para proteger a qualidade de
escrita do autor e não deixar o
espírito do autor morrer.**

**Não deixe o espírito deste autor
morrer.**

**Está nas suas mãos não deixar o
espírito deste autor morrer.**

**Faça um donativo ao autor para o
IBAN**

PT50 0010 0000 58544220001

ou MB WAY 965108603

Este demo foi publicado pela Jupiter Editions em
www.jupitereditions.com no dia 23 de agosto de 2021e
republicado no dia 19 de dezembro de 2021